

Antônio Lopes Vieira Filho



Cultura material e imaterial  
do caixeiro viajante

# Cultura material e imaterial do caixeiro viajante



**Capa**

**Jeniffer Lustosa Vieira**

**Pesquisa iconográfica e imagens**

**Antônio Lopes Vieira Filho**

**Texto**

**Antônio Lopes Vieira Filho**

**Revisão**

**Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho**

**Diagramação final**

**Antônio Lopes Vieira Filho**

**Este paradidático foi elaborado como proposta de produto do Mestrado Profissional em História (PPGHIST) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a orientação do Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho. A pesquisa, que incluiu a dissertação e o produto, teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.**

**PPGHIST**  
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**FAPEMA**  
Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento  
Científico e Tecnológico do Maranhão

Vieira Filho, Antônio Lopes.

Cultura material e imaterial do caixeiro viajante. / Antônio Lopes Vieira Filho. – São Luís, 2020.

43 f.; il.

Produto Educacional da dissertação O caixeiro viajante como propulsor do comércio ambulante durante o apogeu de Parnaíba enquanto principal centro econômico do Piauí.

Orientação do Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho.

1. Ensino de História. 2. Cultura Material. 3. Cultura Imaterial. 4. Caixeiro Viajante. 5. Parnaíba. I. Título.

CDU 316.7:655.422(812.2) (075)

## Apresentação

Prezado(a) estudante,

O presente estudo, extraído a partir da dissertação intitulada “**O Caixeiro Viajante como disseminador do comércio ambulante durante o apogeu de Parnaíba enquanto principal centro econômico do Piauí**”, tem como objetivo geral analisar as contribuições do caixeiro viajante para o progresso econômico, político, social e cultural do estado do Piauí, sobretudo, no município de Parnaíba no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Destacam-se como objetivos específicos almejados:

- ✓ Evidenciar a relação entre comerciantes e caixeiros e o que ambos aguardavam um do outro;
- ✓ Demonstrar o “espírito” aventureiro do caixeiro viajante como profissional de venda salientando os meios de transportes que utilizava no exercício de sua profissão;
- ✓ Explicar quais eram os recursos e/ou meios utilizados por esses profissionais como forma de demonstrar os seus produtos, fosse por meio de mostruários (catálogos) ou o produto propriamente dito, entre outros.

Visa, ainda, contribuir para uma melhor compreensão dos estudantes do Ensino Fundamental, em específico, os do 8º ano, acerca dos conceitos de cultura material e imaterial, identidade e patrimônio cultural. A partir disso, despertar nos alunos o interesse e a curiosidade em conhecer mais sobre si mesmo e sobre seus antepassados, bem como a necessidade de preservar estes vestígios que constituem parte de sua história.

O referido produto aqui apresentado, está dividido em três capítulos, onde o **capítulo 1**, intitulado “Noções básicas de cultura material e imaterial, identidade e patrimônio cultural: conhecer para preservar”, traz algumas noções basilares de cultura material, imaterial e de identidade. A título de exemplo, veremos a definição de patrimônio e a necessidade de preservá-lo partindo de uma melhor compreensão da importância de tais domínios para as futuras gerações. O **capítulo 2**, que tem como título “A Cultura Material e Imaterial no cotidiano do Caixeiro Viajante”, ressalta o cotidiano do caixeiro viajante sob a perspectiva da cultura material e imaterial, as quais corroboraram com as atividades inerentes à profissão do referido profissional do comércio varejista caracterizando-o como um ser comerciante no exercício da sua profissão. Por fim, o **capítulo 3**, que apresenta “A arte de persuadir do caixeiro viajante” como título, assevera

acerca de uma das principais atribuições do caixeiro viajante, a persuasão. Característica peculiar inerente ao referido profissional de venda, e que constitui uma entre tantas qualidades comuns a ele, contribuindo, então, no fechamento dos seus negócios e garantindo-lhe a confiança e fidelidade de sua clientela.

Para tanto, nas páginas seguintes, indicamos ações de cunho educativo e “dicas” de como se preparar, antecipadamente, para as visitas a museus, centros históricos, sítios arqueológicos e demais atividades extraclasse. Leituras prévias sobre o local a ser visitado, a forma de se comportar dentro dos respectivos espaços, o que portar durante as visitas e tantas outras informações simples, mas de extrema importância para um melhor aproveitamento ao participarem de atividades culturais como as mencionadas.

A escolha do tema para a construção deste paradidático deu-se em razão da necessidade de fazer uma interlocução entre a pesquisa científica, que, neste caso, tem como objeto de estudo o caixeiro viajante, e o processo de ensino-aprendizagem no âmbito da sala de aula. Com base nas pesquisas acerca da atividade desempenhada pelos caixeiros, desenvolvemos os elementos da cultura material e imaterial que deram sustentação ao “ser” caixeiro, elevando a sua importância para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do Piauí, especialmente, do município de Parnaíba, dentre outras regiões do Brasil.

Desejo a você uma excelente leitura!

O autor.

## Sumário

<b>1 Noções básicas de cultura material e imaterial, identidade e patrimônio cultural: conhecer para preservar. ....</b>	<b>6</b>
O que você entende por Cultura? .....	6
O que você entende por Patrimônio Cultural? .....	14
Museu ao ar livre.....	18
O que são Sítios Arqueológicos? .....	19
<b>2 A Cultura Material e Imaterial no cotidiano do Caixeiro Viajante .....</b>	<b>24</b>
<b>3 A arte de persuadir do caixeiro viajante. ....</b>	<b>30</b>
<b>4 Considerações finais.....</b>	<b>35</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>36</b>

## 1 Noções básicas de cultura material e imaterial, identidade e patrimônio cultural: conhecer para preservar.

### O que você entende por Cultura?

A palavra *cultura* tem diversos significados. Cultura, normalmente, está associada ao estudo, à educação e à formação escolar. Então, meu caro e minha cara estudante, proponho uma reflexão: podemos dizer que, quando você vai até sua escola **adquirir conhecimento**, está fazendo **cultura**?

Entretanto, às vezes, fala-se de *cultura* tomando por referência apenas as manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura, a dança, o cinema, dentre outras artes de modo geral.

Nos dias atuais, falar em *cultura* é quase como associá-la aos meios de comunicação em massa, tais como: o rádio, o cinema e a televisão. Diz respeito, ainda, às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou ao modo de se vestir, à comida e ao seu idioma.

### VOCÊ SABIA?

De origem latina, a palavra **cultura**, nos primeiros usos dos idiomas europeus, significava o **cultivo** ou o **cuidado** de alguma coisa, tal como **grãos** (colheita) ou **animais**. No entanto, foi no século XVI que este sentido saiu da esfera **agrícola** para o processo de desenvolvimento **humano**, ou seja, do cultivo de grãos para o **cultivo da mente**. Como demonstrado na imagem ao lado.



Curiosamente, o termo **Kultur** é de origem germânica, no final do século XVIII e no princípio do seguinte, era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Enquanto a palavra francesa **Civilisation** se referia, principalmente, às realizações materiais de um povo”.



Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês **Culture**, que, tomado em seu amplo sentido etnográfico, é **este todo** complexo no qual inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo Homem como membro de uma sociedade. (TYLOR, 1871 *apud* CUCHC, 1999)

Diante do exposto, podemos concluir, numa linguagem bem simples, que a Cultura diz respeito a tudo aquilo que o ser humano produz no tempo e no espaço geográfico. Esse “produzir” inclui os bens de natureza tangível (materiais) e os bens de natureza intangível (imateriais).

Os bens materiais tangíveis, ou de natureza corpórea, são aqueles que possuem uma forma física, concreta e que podem ser tocados (a exemplo de edificações e peças depositadas em museus, documentos escritos e audiovisuais guardados em bibliotecas e arquivos). Já os bens imateriais, intangíveis ou de natureza incorpórea, são aqueles que, ao contrário do tangível, são abstratos, não possuem forma física, portanto, não podem ser tocados (por exemplo, as interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas).

**Fig. 01 - Exemplos de bens intangíveis: as marcas de grandes empresas e o capital humano**



Fonte: <https://economia.culturamix.com/negocios/bens-intangiveis-em-uma-empresa>



Fonte: <http://www.montesuaempresa.com.br/o-que-sao-bens-intangiveis/>

**Fig. 02 - Exemplos de bens tangíveis**

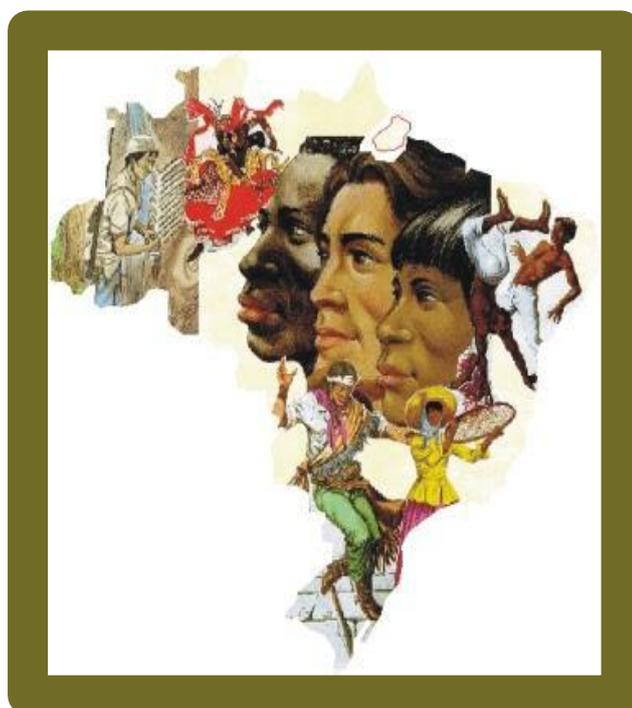


Fonte: <https://www.portalebd.org.br/classes/jovens/3939-licao-4-o-uso-virtuoso-dos-bens-materiais-iv>

A todo momento, caro(a) estudante, nós, seres humanos, produzimos cultura aonde quer que vamos, ou no que quer que façamos. Essa capacidade do ser humano em ser produtor cultural o torna diferente dos outros animais, haja vista que ele é o único entre todos que é dotado de razão, ou seja, é um ser racional.

A cultura envolve o Homem em seus aspectos físico e espiritual. Ele é portador de capacidades múltiplas, de agregar conhecimentos e transmiti-los aos seus semelhantes, de modo que cada conhecimento produzido possa dar origem a várias culturas. Preservar os bens culturais é fundamental para que, no futuro, a nossa cultura não se perca, pois, são neles que a essência de uma comunidade ou nação é representada, guardada e/ou eternizada.

O nosso país não é **homogêneo**, como demonstrado na imagem a seguir. Toda produção cultural está sujeita a uma avaliação que depende da posição social (poder aquisitivo/riquezas) do grupo ao qual ela pertence.



Fonte: <http://ep1532011.blogspot.com/2011/10/escola-heterogenea.html>

#### GLOSSÁRIO

**Homogêneo:** palavra usada quando se faz a comparação entre duas ou mais coisas, textos ou situações. Significa que **os objetos comparados possuem pontos em comum**, como funções, formatos, tipos ou estruturas parecidas. A expressão também pode ser usada em situações nas quais não é possível determinar com certeza qual a composição ou a formação de uma determinada coisa ou espaço, uma comunidade nos grandes centros urbanos, por exemplo.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/homogeneo/>

Para exemplificar, vamos estabelecer algumas distinções considerando as seguintes divisões:

1. A **Cultura Erudita** é a produção acadêmica centrada no sistema educacional, sobretudo, na universidade, onde é produzida por pessoas consideradas intelectuais. Além de ser produzida formalmente, seus traços são complexos e refinados, exigindo uma elevada formação e sensibilidade estética de quem os aprecia. A cultura erudita estaria relacionada a um pensamento mais crítico, elaborado e elitizado da sociedade. Alguns exemplos dos traços deste viés cultural podem ser: a música clássica, o ballet, as artes plásticas, os conhecimentos científicos etc.



Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2015/08/21/jundiai-valoriza-cultura-erudita-em-agenda-cultural/>

2. A **Cultura Popular** é identificada através do **folclore**, conjunto de lendas, contos e concepções transmitidas tradicionalmente pela oralidade. É produzida pelo homem do campo, das cidades do interior e/ou pela população urbana das grandes cidades. Sua produção está empenhada em resgatar tradições e valores culturais, não alterando sua essência com novas tendências. O povo simples é o autor da produção cultural. Alguns exemplos de manifestações desta cultura podem ser vistos nas festas populares (o carnaval, as festas juninas, as danças regionais, as lendas) e nos ensinamentos e práticas que são passados de geração em geração de modo informal.



Fonte: <http://escoladechoro.com.br/novo/musica-e-cultura-popular-brasileira/>

#### GLOSSÁRIO

**Folclore:** conjunto de tradições e manifestações populares constituído por lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração. A palavra tem origem no inglês, em que "*folklore*" significa sabedoria popular. A palavra é formada pela junção de *folk* (povo) e *lore* (sabedoria ou conhecimento).  
Fonte: <https://www.significados.com.br/folclore/>

### 3. A *Cultura de Massa*

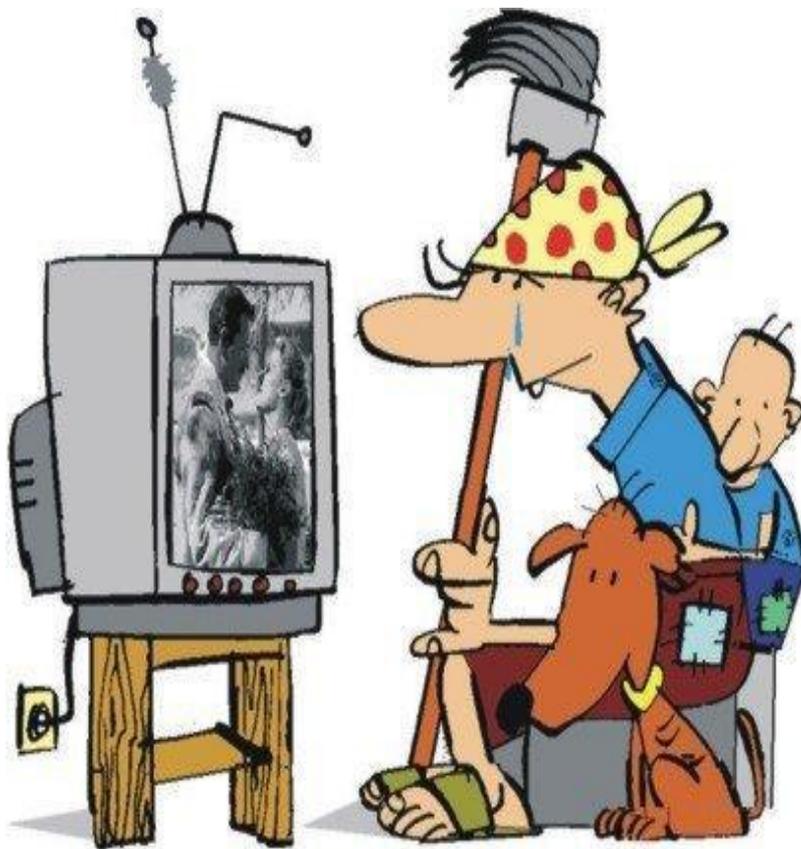
é aquela resultante dos meios de comunicação de massa, tais como a indústria fonográfica (música), a cinematográfica (cinema), TVs, Rádios, etc. É produzida “de cima para baixo”, já que o consumidor não participa de sua criação. Este tipo de cultura, veiculada pela *indústria cultural*, impõe padrões e homogeneiza o gosto, através das modas culturais.

A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 216, afirma: “todas as ações por meio das quais os povos expressam suas formas de criar, fazer e viver: é Cultura”. A cultura

abrange tanto a linguagem que as pessoas se comunicam, contam suas histórias e fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam e fazem festas. Em geral, as pessoas integram diferentes grupos sociais cujo alcance pode ou não ser local, a exemplo do grupo da igreja, o grupo dos líderes comunitários, o grupo dos comerciantes, o grupo das mulheres, o grupo dos pescadores, entre outros. Portanto, suas crenças, o modo como veem o mundo, seus saberes e fazeres.

Na realidade, trata-se de um processo dinâmico de transmissão para as futuras gerações de práticas, sentidos e valores que se criam e recriam – ou são criados e recriados – no presente, visando solucionar os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrenta ao longo de sua existência.

Contudo, prezado(a) estudante, durante sua vida, as pessoas estão predispostas a modificarem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em distintos contextos e situações. A identidade de uma pessoa é formada a partir de muitos fatores, sua história de vida, por exemplo, a história de sua família, o lugar onde nasceu e mora, o jeito como cria seus filhos, como fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna singular e diferente das demais.



Fonte: <https://blogdoenem.com.br/industria-cultural-sociologia-enem/>

Stuart Hall (2006) atribuiu três definições distintas ao termo identidade. Para ele, existe o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Cabendo a cada um, segundo o autor, uma identidade diferenciada.



O sujeito do **Iluminismo**, segundo Hall (2006), é um indivíduo completamente centrado, unificado, dotado de razão. Suas características nascem consigo mesmo e permanecem “contínuas” e “idênticas” ao longo de sua existência.

Caro(a) estudante, os princípios do **Iluminismo** atravessaram os séculos e foram incorporados à nossa cultura; liberdade de pensamento e expressão, liberdade religiosa, igualdade de direitos, eleições livres, governo constitucional e democrático são heranças do Iluminismo presentes em nosso cotidiano. Princípios que ainda nos inspiram para uma sociedade mais justa e igualitária.

O **Iluminismo** foi um movimento intelectual surgido e difundido na Europa, principalmente, no século XVIII. Seus defensores propunham “iluminar” a sociedade por meio da razão. Por isso, esse período também é conhecido como **Esclarecimento** ou **Ilustração**. Os pensadores iluministas buscavam compreender e explicar diferentes aspectos da vida social. Parte deles dedicou-se mais à economia, outros à política, outros à educação, à justiça ou às artes. Criaram-se escolas de pensamento, clubes e sociedades dedicadas à ampliação e à divulgação do conhecimento científico que influencia o **Ocidente** até os dias de hoje.

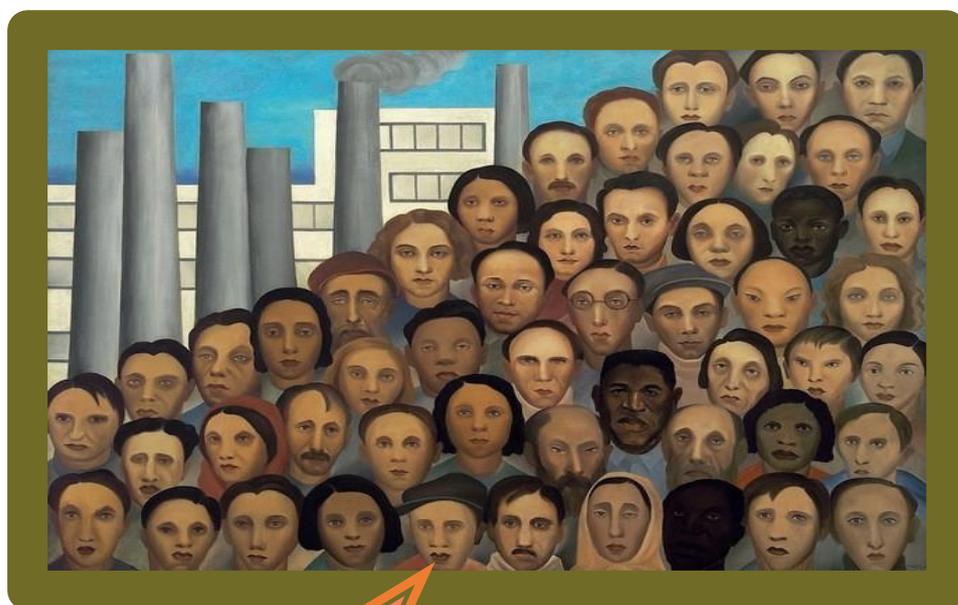
Fonte:

<https://www.sohistoria.com.br/resumos/iluminismo.php>

Na concepção sociológica, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade, ou seja, embora o sujeito tenha um núcleo ou essência interior que é o "eu real", ele é formado e modificado pelo diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Quanto à concepção de sujeito pós-moderno, este é caracterizado pela ausência de uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006).

De acordo com o referido autor, todo esse processo é resultante das transformações nas concepções de gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais eram sólidas e foram quebradas a partir do movimento iluminista. (Na figura a seguir, Tarsila do Amaral immortaliza em seu quadro as feições dos trabalhadores das fábricas. Chama a atenção o fato de as faces serem bastante distintas, representando as diferentes identidades).



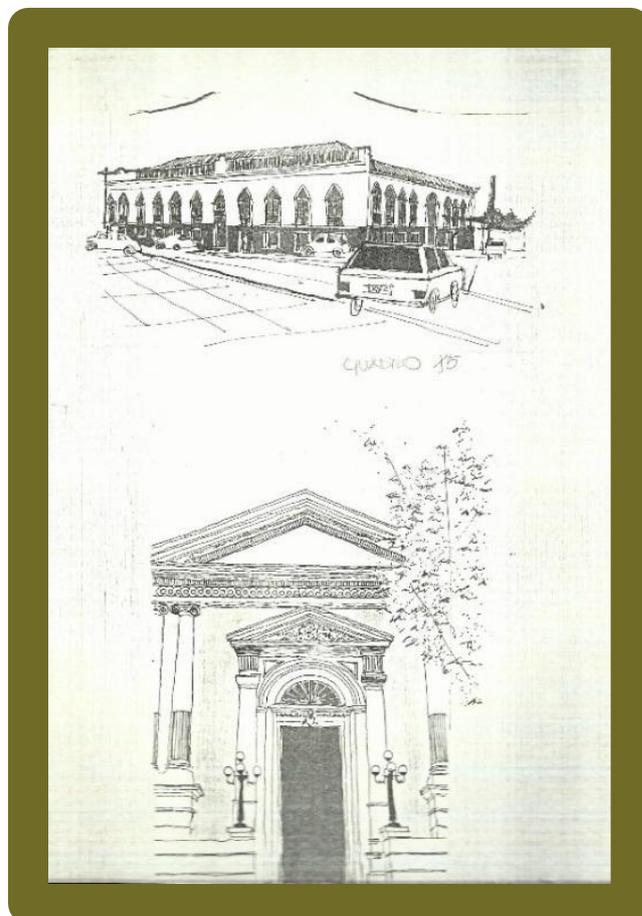
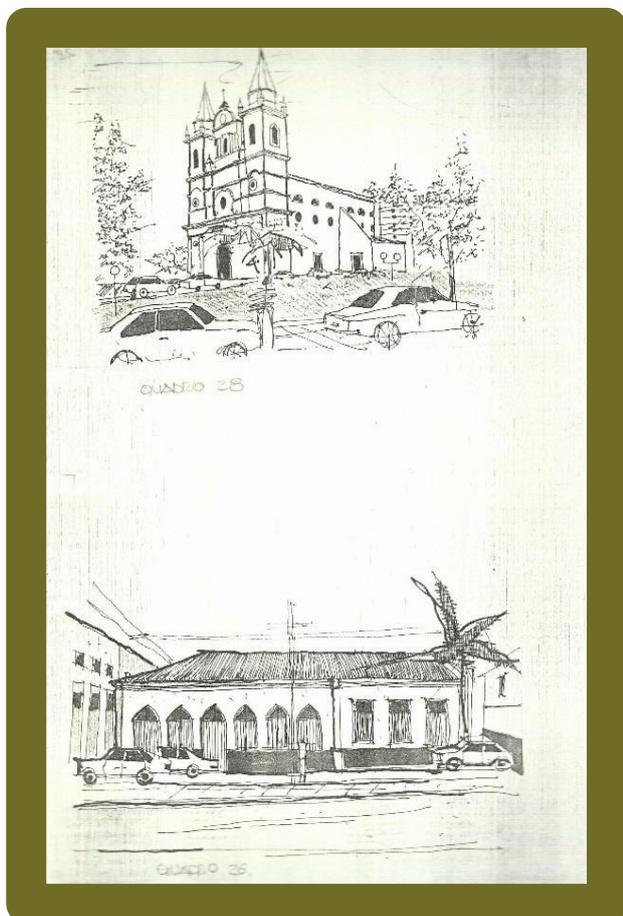
Fonte:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/tarsila-ganha-memorial-1.1901276>

**Tarsila de Aguiar do Amaral** (Capivari, 1 de setembro de 1886 — São Paulo, 17 de janeiro de 1973) foi uma pintora, desenhista e tradutora brasileira e uma das figuras centrais da pintura e da primeira fase do movimento modernista no Brasil, ao lado de Anita Malfatti.

## O que você entende por Patrimônio Cultural?

O patrimônio cultural de uma sociedade é constituído pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.



Fonte: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2014/04/24/desenhos-por-paulo-moura/>

Preservar esse patrimônio cultural significa, majoritariamente, cuidar dos bens aos quais esses valores estão associados, ou seja, cuidar de coisas que representem a história e a cultura de um lugar, de um grupo social que pode, ou não, ocupar um determinado território.

O ato de preservar diz respeito a cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (como esculturas e/ou quadros). Cuidar, também, dos usos, costumes e manifestações culturais que constituem parte da vida das pessoas e que se modificam ao longo do tempo.

A necessidade de se preservar o patrimônio cultural é para estimular a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo assim para o aumento do exercício da cidadania e para a elevação da qualidade de vida.

A grosso modo, no Brasil, as políticas públicas destinadas à área cultural, àquelas referentes à proteção patrimonial, têm oscilado entre concepções e diretrizes nem sempre transparentes.



Fonte: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2014/04/24/desenhos-por-paulo-moura/>

#### VOCÊ SABIA?

Que Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos a tudo o que pertencia ao pai, pater ou pater famílias (pai de família). Há semelhança entre os termos – pater, patrimonium, família – porém, escondem diferenças profundas nos significados, já que a sociedade romana era diferente da nossa. A família compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento sem excetuar, portanto, as próprias pessoas. (FUNARI, 2009, p. 10-11).



As ideias sobre a noção de patrimônio cultural no Brasil formaram-se no contexto do movimento modernista iniciado já no final do século XIX, consolidado ao longo da primeira metade do século XX e tendo como referencial simbólico a **Semana de Arte Moderna de 1922**. Durante esse período, uma grande preocupação entre os intelectuais era a necessidade de definição do que constituía e caracterizava a identidade brasileira. Apesar, no entanto, das poucas políticas públicas, como vimos, destinadas a cuidar do nosso Patrimônio Cultural, existem no Brasil e no mundo lugares destinados a preservar, dentro das suas condições e possibilidades, esses bens culturais. Estamos nos referindo aos **museus**. Você conhece algum museu em sua cidade? Já o visitou? Você sabia que existem museus ao ar livre? Sua cidade possui um **centro histórico**? Você sabe o que é um **sítio arqueológico**? Buscaremos a partir de agora responder a todos esses questionamentos.



**A Semana de Arte Moderna de 1922** foi uma manifestação artístico-cultural que ocorreu no Theatro Municipal de São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. O evento reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de obras - pintura e escultura - e palestras. Os artistas envolvidos propunham uma nova visão de arte, a partir de uma estética inovadora inspirada nas vanguardas europeias.

Fonte:

<https://www.todamateria.com.br/semana-de-arte-moderna/>

O termo "**museu**" se refere a uma coleção de espécimes de qualquer tipo e está, em teoria, ligado à educação ou à diversão de qualquer pessoa que queira visitá-la. Comumente, diz-se que a instituição "museu" teve origem na Grécia Antiga. Lá, o **mouseion**, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa voltada, essencialmente, para o saber filosófico.

Sempre houve preocupação, por parte de alguns segmentos de nossa sociedade, com a compreensão de nosso passado e sua preservação. Não devemos confundir essa “preservação do passado” com a manutenção de características de uma época. Trata-se de manter e preservar testemunhos materiais de um determinado período que nos sirvam como pontos constantes de partida para reflexão e análise. Portanto, preservar tais testemunhos do passado é, substancialmente, dar-lhes condições de continuarem a ser utilizados no presente em toda a sua potencialidade.

Criado em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, assinada pelo então presidente, Getúlio Vargas, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão no Brasil responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe a esta instituição proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

De acordo com o Guia dos Museus (2011), produzido pelo Ministério da Cultura, o museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e que apresenta as seguintes características:

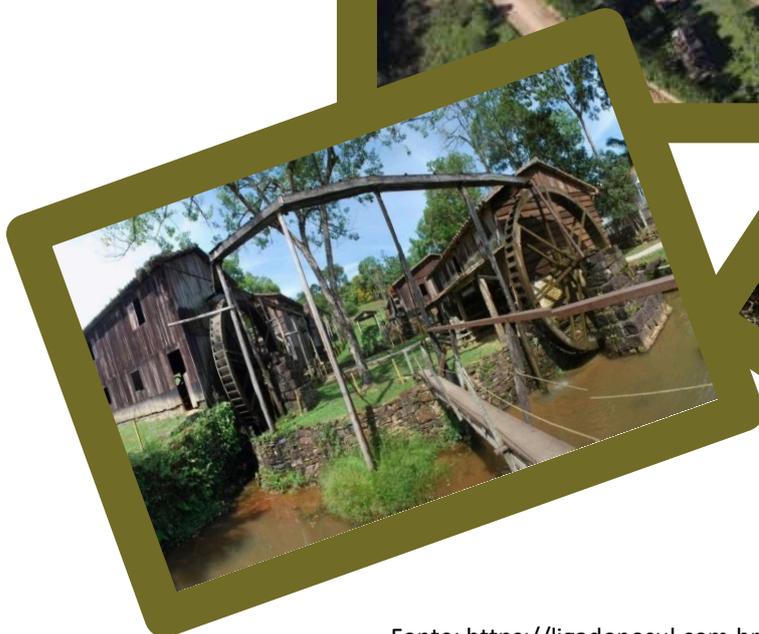
- I – Trabalho permanente com o patrimônio cultural em suas diversas manifestações;
- II – Presença de acervos e exposições colocadas a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, percepção crítica da realidade, produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
- III – Utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
- IV – Vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;
- V – Democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;
- VI – Constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

## Museu ao ar livre

O primeiro desses museus foi criado na Suécia, em 1891, pelo filósofo Artur Hazelius, com o nome de Skansen. Tinha como finalidade preservar características culturais nórdicas em vias de extinção devido ao avanço da industrialização. “Este tipo de museu consiste, na maioria dos casos, de um conjunto de edifícios que ilustram o modo de vida de uma dada comunidade em uma determinada época do passado: residências, escola, igreja, moinho, galpões de artesanato, cervejaria, matadouro, etc.” (SUANO, 1986, p. 66).

A proposta do museu ao ar livre é criar um ambiente em que tudo se pareça com o real, evitando, ao máximo, o uso de vitrines, legendas, ou seja, tudo o que possa lembrar a rotina tradicional de um museu. Este tipo de museu se tornou bastante comum na Escandinávia e em toda a Europa.

As imagens a seguir mostram o Museu ao Ar Livre Princesa Isabel, situado em Orleans (SC - Brasil). O referido museu é o primeiro do gênero a ser construído na América Latina e foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo IPHAN.



Fonte: <https://ligadonosul.com.br/museu-ao-ar-livre-princesa-isabel-um-patrimonio-cultural-brasileiro#foto-12879>

As principais cidades brasileiras contam com **museus** que abrigam parte de suas memórias, portanto, caro (a) estudante, busque conhecê-los. Vale a pena pesquisar acerca da existência de acervos históricos abertos à visita naquela localidade. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ligado ao Ministério da Cultura (MinC), lançou em 2011 o Guia de Museus em Números, que possui informações referentes a 3.118 instituições cadastradas. Em virtude do grande número de museus espalhados pelo Brasil, fica inviável listarmos neste paratexto. Acesse o link a seguir e os conheça: <https://brasilecola.uol.com.br/ferias/visita-museus.htm>.

Busque também visitar na sua cidade os centros históricos e sítios arqueológicos (caso tenham). Nos Centros Históricos, podemos encontrar belos casarões da época da formação de nossa cidade, que nos ensinam a compreender acerca da nossa história, como viviam os nossos antepassados, seus costumes e hábitos. Além de, também, conhecer um pouco sobre a arquitetura das ruas, praças, casarões e muito mais.

No Brasil, temos vários exemplos de cidades que possuem encantadores Centros Históricos, entre elas podemos citar: Tiradentes e Ouro Preto (MG), Porto Seguro e Salvador (BA), Olinda (PE), Petrópolis (RJ), São Paulo (SP), São Luís (MA), entre outras. Cada uma guarda um “pedacinho” da História do Brasil.

### **O que são Sítios Arqueológicos?**

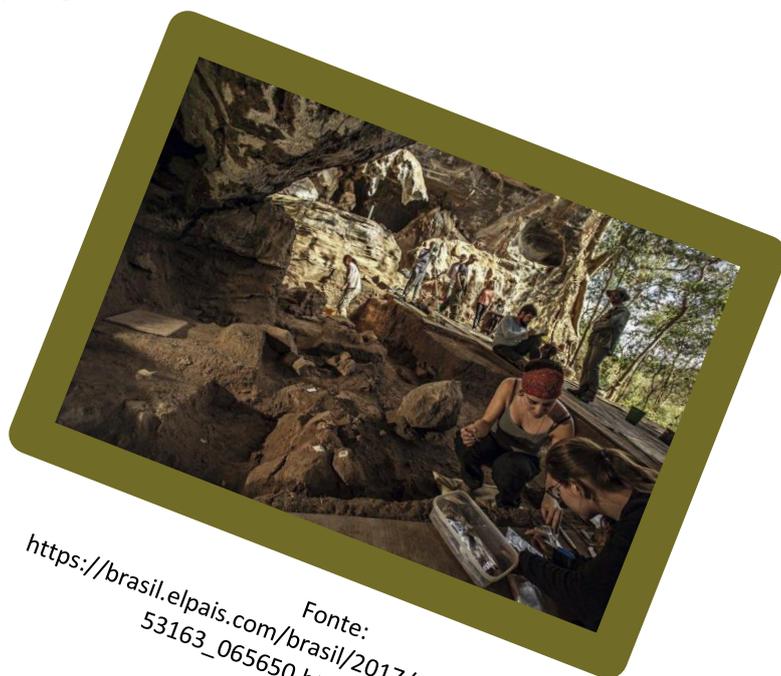
Sítios arqueológicos são lugares onde podemos encontrar vestígios da vida e da cultura material dos nossos antepassados. Estes vestígios podem ser encontrados, por exemplo, sob a superfície do solo numa aldeia indígena abandonada, numa fortaleza de séculos passados, nas ruínas de uma igreja ou enterradas em sambaquis (locais à beira-mar onde se acumularam conchas, ossadas humanas e/ou de animais, restos de alimentos e utensílios utilizados por grupos humanos que ali viveram).

A arqueologia é a ciência que se ocupa da investigação dos indícios, ou vestígios, de civilizações e culturas passadas. O termo é formado pelos radicais gregos *arkhé*, que significa tanto “início/começo” quanto “ordem/organização”, e *logia*, que significa, por sua vez, “estudo/ciência”.

O arqueólogo, por sua vez, é como um detetive que estuda os vestígios e pistas que indicam como vivia o homem no passado. As investigações arqueológicas têm por objetivo principal fornecer subsídios materiais com datação temporal precisa para a

reconstrução do passado humano. Por isso, essa ciência é tão importante para outras disciplinas, como a história e a antropologia.

Em nosso país, o estudo científico dos sítios arqueológicos teve início por volta de meados do século XX, em áreas de antigas ocupações humanas no estado de Minas Gerais. Pesquisas sistemáticas têm sido realizadas em todo o Brasil, em sítios de diferentes épocas e características. Assim, é possível construir, cada vez mais, um panorama das populações que viveram em terras brasileiras antes desse território ser o Brasil que conhecemos hoje.



Fonte:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/16/album/1487253163\\_065650.html#foto\\_gal\\_12](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/16/album/1487253163_065650.html#foto_gal_12)

A partir da década de 1970, iniciaram-se as pesquisas na região sudeste do Piauí, e até hoje, investigações arqueológicas são realizadas de maneira ininterrupta. É também nessa região que foi fundado o **Parque Nacional Serra da Capivara**, local onde foram descobertos os sítios arqueológicos que guardam os mais antigos vestígios da presença de seres humanos na América do Sul. Em 1991, o Parque foi inscrito na lista do Patrimônio Mundial da **UNESCO** como patrimônio cultural e natural por seu valor excepcional para a humanidade.

#### GLOSSÁRIO

**Unesco** é a sigla para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Foi fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações.

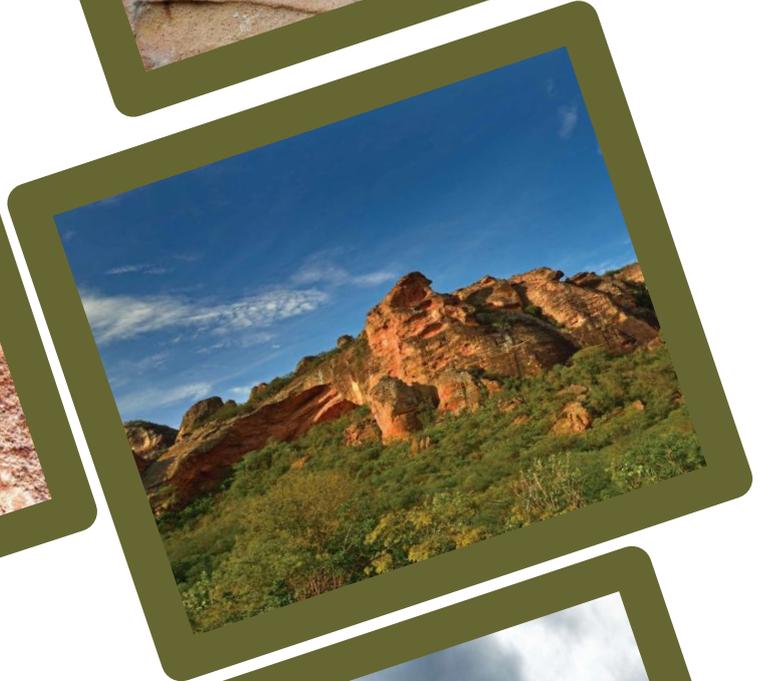
O **Parque Nacional Serra da Capivara** se expande pelos municípios piauienses de Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato. Criado em 1979, com a finalidade de proteger um dos mais importantes exemplares do patrimônio pré-histórico do país, constitui e preserva o maior conjunto de sítios arqueológicos, sendo um dos exemplos mais antigos de arte rupestre das Américas. “Além disso, a iconografia das pinturas permite identificar informações sobre os povos antigos da região” (BUCO, 2014, p. 36).

Abaixo, apresento o mapa ilustrativo com as dez principais unidades de conservação compreendidas entre Parques Nacionais (PARNA) e **Área de Proteção Ambiental (APA)** espalhadas por todo o Brasil.



Fonte: <https://discoverworld.com.br/files.wordpress.com/2018/05/mapa-geral.jpg>

As gravuras (pinturas rupestres) dos sítios arqueológicos do **Parque Nacional da Serra da Capivara** abrangem símbolos, animais e, também, figuras que lembram seres humanos. Existem figuras gravadas nas rochas feitas com pigmentos vermelhos, brancos e mesmo azulados. Como demonstrado nas imagens a seguir:



Fonte: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233500>

Por fim, gostaria de deixar uma mensagem para você, estudante, que pretende visitar um museu ou qualquer outra unidade de conservação, como **Parques Nacionais** ou **Áreas de Proteção Ambiental**: sempre que for a um desses lugares, fique atento às dicas de como se comportar nesses ambientes durante as visitas. Normalmente, esses espaços possuem suas próprias regras. No geral, ao sair de casa para um desses locais, use roupas leves; se for se expor ao sol, use protetor solar adequado; conduza o seu próprio reservatório de água, caso precise adquirir água onde estiver, não jogue o frasco e/ou garrafa em locais inapropriados; seja prudente ao ver o aviso proibindo o uso de flash de seu celular ou máquina fotográfica durante as fotos, obedeça, pois, em alguns museus, o uso do flash pode causar danos às obras de arte e demais utensílios ali expostos; não entre ou permaneça em espaços onde não lhe for permitido; durante as visitas, busque sempre a companhia de um adulto – professor(a), pais ou responsáveis; e peça ajuda e/ou informações sempre que precisar aos funcionários dos museus, como os guias, durante as visitas.

Em caso de passeios em trilhas nos parques onde exista a presença de animais, evite jogar comidas aos mesmos, pois, geralmente, os visitantes não estão autorizados a fazê-lo, haja vista que certos tipos de alimentos podem não ser adequados com a alimentação do bichinho e pode causar-lhe danos a sua saúde. Portanto, estudante, para que a sua visita transcorra na mais absoluta paz e seja de fato um momento de interação e aprendizado, siga todas as regras e instruções dos respectivos espaços de visita.

## 2 A Cultura Material e Imaterial no cotidiano do Caixeiro Viajante

Geralmente, quando nos referimos aos caixeiros viajantes, a imagem que nos vem na lembrança nos remete a homens de meia idade andando de cidade em cidade, de lugarejo em lugarejo, montados a cavalo ou, simplesmente, a pé carregando bolsas e malas cheias de miudezas dispostas à venda.



Fonte: <http://diariodemascates.blogspot.com/2011/02/caixeiro-viajante.html>

Esta imagem, embora um pouco folclórica, também condiz com a prática de atuação destes agentes sociais. Hilda Flores descreve com mais detalhes a figura dos caixeiros:

O caixeiro viajante vestia bota de cano alto, conhecida por *Musterreiter Stüfel*, provida de grandes esporas, bombacha, mais apropriada para semanas de cavalgadas, camisa xadrez, lenço ao pescoço e chapéu de aba larga para proteção contra a canícula, além do poncho ou capa de chuva - que A. J. Renner logrou impermeabilizar na década de 1880, especialmente para o caixeiro viajante, que também ele foi. Completava a indumentária o relho de cabo curto na mão direita e guaiaca na cintura, onde guardava o dinheiro e também a pistola (FLORES, 2000 *apud* MÜHLEN, 2018, p. 125).

De acordo com Xavier e colaboradores (2012), o caixeiro surge como um personagem que tinha a função de ser o intermediador entre o **atacadista** e o **varejista**. Era encarregado de percorrer vastas regiões, levar as novidades oferecidas nas casas comerciais importadoras, exportadoras, manufaturadas e industriais dos principais centros urbanos, e, depois, retornar com as encomendas feitas pelos comerciantes.

Diferente do **mascate**, que levava e vendia as mercadorias ao longo do seu trajeto, o caixeiro viajante passou a ser mediador de vendas, quase sempre entre o habitante da longínqua cidadezinha do interior do Brasil e o comerciante. “Montado em sua mula, levava em bolsas e malas de couro ‘um talão de pedidos e catálogos (parecidos com uma lista de preços atual)’ com a descrição dos produtos, além de amostras de mercadorias que não eram produzidas pelos colonos, em grandes baús” (XAVIER *et al.*, 2012, p. 44).

A cultura e a memória fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que têm e partilham vários traços em comum. Neste sentido, pode-se falar da identidade cultural de um grupo social. O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

Em meio a esse universo de bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio cultural de um grupo social, encontramos um “arsenal” de utensílios de múltiplas utilidades que fazem parte do cotidiano do caixeiro viajante auxiliando-o na arte de persuadir com seu cliente para que o mesmo adquira seus produtos.

#### GLOSSÁRIO

**Atacado** ou **comércio atacadista** é uma modalidade de comercialização de produtos em grandes quantidades.

**Varejo** ou **comércio varejista** é uma modalidade de comercialização de produtos em pequenas quantidades.

**Mascate** é um mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, joias, etc.

Portanto podemos denominar esse conjunto de saberes, fazeres, expressões e práticas mencionadas acima como a cultura imaterial dos caixeiros viajantes. Entretanto, podemos conceituar a cultura imaterial como o conhecimento que não foi ensinado por meio dos livros, dos registros formais ou de ensinamentos sistemáticos, mas, sim, através do conhecimento transmitido na prática, de maneira oral ou por meio de gestos de uma geração a outra.

A atividade comercial desenvolvida pelo caixeiro foi fundamental para o desenvolvimento do interior do Brasil. O deslocamento característico dessa atividade contribuiu para a configuração de seu trabalho e, principalmente, das relações familiares e afetivas desses trabalhadores (XAVIER *et al.*, 2012, p. 44).

Já a cultura material, numa definição clássica, pode ser compreendida como o conjunto de artefatos criados pelo homem unindo matérias-primas e tecnologia, o qual se diferencia das estruturas fixas pelo seu caráter móvel. Nas suas andanças, como ilustrado nas imagens abaixo, era comum o caixeiro viajante conduzir os seus produtos auxiliados por animais (muas), e essas, entre outras ações, constituíram o cotidiano desses profissionais de venda tornando-os figuras peculiares entre os demais trabalhadores da época (final do século XIX e primeiras décadas do XX).



Fonte:  
<https://www.pinterest.es/pin/307652218275060709/>



Fonte: <http://historiasvalecai.blogspot.com/2014/01/3504-festa-do-caixeiro-viajante.html>

Todos os utensílios e acessórios observados nas imagens mostradas anteriormente, que fizeram parte das identidades atribuídas aos caixeiros ao longo do tempo e que os moldaram diante do imaginário popular, denotam a sua cultura material, por assim dizer.

As experiências do sr. Abdoral, ex-caixeiro viajante e residente em Parnaíba, Piauí, configuram essa realidade. Nas praças por onde andava, oferecia seus produtos e tirava o pedido daqueles que não dispunha no momento. Levava consigo produtos industrializados e trocava-os por matérias-primas, com as quais fazia bons negócios na cidade. As matérias-primas variavam desde o **tucum**, o algodão, a cera de carnaúba, a castanha, o gergelim até peles de animais, do tipo: couro de boi, carneiro, gato, onça e peles de jacaré, cobra, tejo, camaleão e muitos mais.

## GLOSSÁRIO

**Tucum.** Nome popular de uma palmeira que cresce formando touceiras densas. Tem de 2 a 5 metros de altura e caules cobertos por espinhos, muito ornamental. Seus frutos são esféricos, com cerca de 2 cm de diâmetro. De casca fina e polpa branca, são adocicados e saborosos. Crescem em cachos e consumidos ao natural, chupando-os, como a jabuticaba. Brotam na mata Atlântica do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/tucum/>

Tucum



Peles de animais



Algodão em pluma



Fonte:

[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-907680301-3-mudas-de-tucum-\\_JM?quantity=1](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-907680301-3-mudas-de-tucum-_JM?quantity=1)

Fonte:

<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Algodao/noticia/2018/10/preco-do-algodao-oscilou-em-setembro-no-mercado-paulista.html>

Fonte:

<https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-pele-dos-animais-para-roupa-em-uma-cerca-de-madeira-image79044319>

Zé Coelho (foto abaixo), outro caixeiro que também contribuiu com esta pesquisa, ressaltou que os jacás (balaios) eram acomodados nas **cangalhas**, nas quais eram alojados os mais variados artefatos (mercadoria/produto), desde produtos de primeira necessidade, como o arroz, farinha, feijão, açúcar, azeite extraído a partir do coco babaçu, gordura de porco extraída a partir do derretimento do toucinho até a, considerada por ele a campeã nas vendas, pomada (ou banha, como é mais conhecida no senso comum) para curar os ferimentos dos animais.

#### GLOSSÁRIO

**Cangalhas** é um artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgadas para pendurar carga de ambos os lados.

A imagem a seguir ilustra uma cangalha e dois jacás, acessórios que foram fundamentais ao sr. Zé Coelho e tantos outros viajantes no exercício de sua profissão. Consolidaram-se como bens culturais (materiais) importantes dentro do universo dos caixeiros viajantes numa época em que os muares eram praticamente o único meio por eles utilizados para transportarem suas mercadorias.



Fonte:

<http://aluziodecarnaubais.blogspot.com/2016/06/cangalha-ficou-pra-jumento-e-canga-para.html>



**Zé Coelho** (sentado à mesa)

Fonte: acervo pessoal/julho 2016

Era comum os caixeiros fazerem parcerias com os **tropeiros** segundo as suas necessidades, tendo em vista que estes últimos conheciam muito bem as dificuldades de acesso às regiões mais inóspitas. Esse cenário de proezas e resistência se repetia por várias regiões do Brasil, como assevera Flores (2000) acerca dos caixeiros que atuavam na região Sul do país no início do século XX:

## GLOSSÁRIO

**Tropeiros**, condutores de tropa, arrieiro ou bruaqueiro são designações dadas aos condutores de tropas ou comitivas de muares e cavalos entre as regiões de produção e os centros consumidores do Brasil a partir do século XVII. Mais ao sul do Brasil, também são conhecidos como carreteiros devido às carretas com as quais trabalhavam.

Fonte:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tropeiro#:~:text=Tropeiro%2C%20condutor%20de%20tropa%2C%20arrieiro,a%20partir%20do%20s%C3%A9culo%20XVII.>

À medida que o caixeiro viajante ampliava seu raio de atuação e aumentava a clientela, adquiria mais muares, formando tropa de até 20 – 30 animais. Quando o interior foi servido de malha viária, mesmo precária, o caixeiro atrelou a (s) mula (s) a uma carreta. Nas viagens fazia-se acompanhar por um ou mais knecht, peão, que tangia os animais, auxiliava no carregamento e descarregamento de mercadorias e mostruários e no trato das mulas. O peão podia ser contratado em Porto Alegre, onde o caixeiro começava a viagem, ou no interior (FLORES, 2000, *apud*, MÜHLEN, 2018, p. 125).

Levando em consideração a citação de Flores (2000), podemos perceber o quanto a mula foi importante na mobilidade do caixeiro viajante aonde quer que fosse. O número de animais se dava segundo a necessidade dos mesmos. Apesar do incremento das malhas viárias, o caixeiro continuou utilizando a mula como meio de transporte, alinhando-a à nova realidade. Os muares foram substituídos bem mais tarde com a chegada das linhas férreas e do automóvel.



Fonte:  
<https://www.1zoom.me/pt/wallpaper/463022/z2711.3/3840x2400>

### **3 A arte de persuadir do caixeiro viajante.**

A persuasão talvez seja uma entre tantas outras qualidades inerentes ao ser humano que se acredita sobrepô-lo numa condição vantajosa no que tange ao seu semelhante. Fator que diz respeito tanto à sua vida pessoal quanto profissional, haja vista que a arte da persuasão os auxiliará no alcance de seu(s) objetivo(s) almejado(s).

Pode acontecer de conhecermos alguém persuasivo, que de alguma maneira consegue influenciar as pessoas com facilidade em benefício próprio. A figura do caixeiro viajante é um exemplo clássico da prática da persuasão por ser um sujeito habilidoso no enfrentamento dos mais inusitados obstáculos no exercício da sua profissão, era persistente. Levava sempre consigo aquela que seria um dos seus principais atributos para o bom desempenho de seu trabalho: a arte de persuadir.

Como um profissional que tinha na atividade comercial o seu meio de sobrevivência, o caixeiro viajante sempre utilizou, no fechamento de seus negócios, todo o seu poder de persuasão, que o ajudava a convencer sua clientela a adquirir os seus produtos. Abreu (2002, p. 25) traz em sua obra *A Arte de Argumentar*, aquela que seria a origem do termo persuadir. Segundo ele: “Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. A origem dessa palavra está ligada à preposição PER, ‘por meio de’ e a SUADA, deusa romana da persuasão”.

Provavelmente os caixeiros viajantes nunca tomaram conhecimentos acerca da definição do termo persuadir atribuída por Abreu (2002), bem como a existência do autor. Embora o termo persuadir possa lhe causar estranhamento, suas ações diárias, junto aos seus clientes, se configuravam como a arte de persuadir, algo que certamente esses profissionais não aprenderam nos livros ou manuais, mas na prática diária de sua profissão. O ato de persuadir quer dizer construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, essa pessoa realiza algo que desejamos que ela realize, como comprar um produto, por exemplo.

Em suas jornadas diárias, o caixeiro viajante era desafiado a vender os seus produtos sejam eles pronta-entrega ou de encomenda, a palavra de ordem era não perder vendas, não deixar de fazer negócios. Cada cliente visitado era um momento de interação com troca de informações por ambos os lados, mas também oportuno para a efetivação de uma nova venda.

Durante essas visitas, normalmente, o caixeiro viajante recebia da clientela as **duplicatas** vencidas de vendas passadas, cabendo a ele, em situações dessa natureza, a função de cobrador. O não recebimento das referidas duplicatas, às vezes, impedia que o mesmo fizesse novos pedidos, ou seja, os clientes inadimplentes não estariam aptos a fazerem novas compras.

As viagens empreendidas pelos caixeiros viajantes eram sempre repletas de percalços. Isso incluía toda a logística de transporte, acondicionamento das mercadorias, hospedagem, localidades de difícil acesso, condições precárias e/ou inexistência de estradas, inadimplência de clientes, pouco recurso disponível para o custeio das viagens, longas jornadas longe da família, entre outros. Apesar das dificuldades, o caixeiro viajante lutou dia e noite de maneira incansável para o cumprimento de sua função de “condutor” do progresso e desenvolvimento econômico, político, social e cultural, sobretudo, no município de Parnaíba, Piauí, dentro do recorte temporal aqui adotado.

#### GLOSSÁRIO

**Duplicata** é uma ordem de pagamento emitida pelo credor ao vender uma mercadoria ou serviço que prestou e que estão representados em uma fatura que deve ser paga pelo comprador das mercadorias ou pelo tomador dos serviços. Uma duplicata só pode corresponder a uma única fatura e deve ser apresentada ao devedor em no máximo 30 dias.

Fonte:

<https://www.significados.com.br/duplicata/>

O sr. Abdoral, antigo caixeiro viajante que atuou muito tempo na região, fez o seguinte depoimento acerca de algumas dificuldades que enfrentara:

Carro, era muitíssimo pouco naquele tempo. Nós não tínhamos estradas. Para ir até Fortaleza (CE), a gente ia num ônibus que saía às quatro horas da manhã, chegava dez horas da noite, quando a estrada estava boa. Eu cheguei a passar três dias daqui pra Fortaleza. Daqui pra Teresina, de caminhão, eram dois dias. Ônibus fazia com dificuldade, em menos tempo, um dia todo. Tínhamos a companhia Marimbá, que fazia o dia todinho para ir e outro para vir (ABDORAL, Livro do centenário da ACP, 2018, p. 68).

Através do depoimento do sr. Abdoral, é possível percebermos o quanto eram difíceis as jornadas empreendidas pelos caixeiros viajantes na aquisição dos seus produtos, tal como na distribuição/venda dos mesmos para a clientela. Esses profissionais, numa época mais remota (início do século XX), utilizavam os muares como meio de transporte, haja vista não existir ainda o automóvel nem as estradas e/ou rodovias interligando as comunidades (freguesias, vilas, etc.).

Na realidade, a mobilidade dos caixeiros se dava conforme a necessidade e a viabilidade da mesma. Montados em mulas, navegando em pequenas embarcações (canoas, botes), ou se utilizando de carros de boi, trens ou automóveis, o objetivo era sempre o mesmo: chegar até o cliente que não dispunha de outro meio para adquirir os mais variados produtos, a não ser por intermédio dos referidos caixeiros viajantes.

Em suas longas jornadas pelo interior do estado, longe dos grandes centros comerciais, era comum os caixeiros encontrarem pelo caminho outros caixeiros. Os encontros, geralmente, aconteciam nas hospedarias, lugar onde os mesmos se reuniam para descansar, contar as novidades das praças por onde passavam, falar das vendas bem-sucedidas ou não, do cliente que deixou de pagar a duplicata vencida, das bebedeiras nas casas noturnas, bem como as experiências amorosas, entre outros. Eram momentos de interação, troca de experiências e de conselhos para os caixeiros principiantes. Durante esses encontros dos viajantes, era de praxe os mais velhos e experientes contarem muitas histórias.

Aliando perspicácia à persuasão, o caixeiro viajante conduziu de maneira eficiente a realização de bons negócios na área comercial nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, seja trabalhando por conta própria ou como funcionário fichado em grandes empresas. Através de seus discursos persuasivos, o caixeiro adquiria a confiança da freguesia ao tempo em que os cativava, garantindo-lhe uma relação de amizade e fidelidade nas praças por onde atuava, o que lhe proporcionava encomendas (pedidos) de novos produtos e a garantia de um retorno em breve.

As viagens demoravam em média uma semana, podendo durar, ainda, um mês inteiro. A duração das viagens geralmente dependia de fatores como: regiões de difícil acesso, número de clientes a serem visitados, invernos rigorosos, a demora no fechamento das vendas, a difícil tarefa de receber as duplicatas passadas, entre outros. Outro agravante para o caixeiro que viajava com o auxílio de tropeiros eram as paradas obrigatórias para o descanso dos animais, momento de dar-lhes de beber, alimentá-los e de deixá-los descansar. “Um burro cansara e eles foram obrigados a repousar à margem do caminho,

#### GLOSSÁRIO

**Oiticica** é uma árvore de até 15 m (*Licania rigida*) da família das crisobalanáceas. Nativa do Brasil (PI até BA), de folhas alternas, flores amarelas em espigas ramosas e frutos drupáceos; oiti-bêbedo, oiti-cagão, oiticica-verdadeira, oiti-da-beira-do-rio. As sementes são ricas em óleo próprio para tintas e vernizes.

sentados à sombra acolhedora de uma velha **oiticica**” (INOJOSA, s/d, p. 71). As jornadas eram intensas debaixo de um sol forte sob altas temperaturas e terrenos íngremes.



Fonte:  
[http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg\\_article\\_print/0,3916,1411754-1641-3,00.html](http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/0,3916,1411754-1641-3,00.html)



Fonte: <http://memij.com.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/713-ico-188-o-mascate-gasko-no-jardim-da-luz>



**Abdoral Furtado de Melo**

Fonte: <http://www.jornaldaparnaiba.com/2011/01/associacao-comercial-de-parnaiba.html>



Fonte: <http://historiasvalecai.blogspot.com/2014/12/5074-o-caixeiro-viajante-seu-cavalo-e-o.html>

As imagens ilustradas anteriormente mostram todas as peculiaridades inerentes a este profissional de vendas, facilmente identificado por meio dos adereços que carregavam diariamente.

Os acessórios por eles conduzidos eram a sua “carta de apresentação” diante dos olhos atentos e ansiosos de sua clientela, que os esperava à procura de uma infinidade de miudezas e das últimas novidades dos grandes centros. O caixeiro viajante era visto por essas pessoas como o “condutor” de sonhos e fantasias, haja vista que, em tempos mais remotos (final do século XIX e início do século XX), quando não existiam estradas, especialmente o caixeiro era um dos poucos profissionais capazes de conduzir os mais variados produtos a regiões quase inacessíveis no interior do país.

Além do imponente figurino, que o diferenciava à época, o caixeiro viajante contava, como mencionado anteriormente, com o seu poder de persuasão, de convencimento. Uma característica necessária àqueles profissionais que desejavam obter sucesso na sua carreira como caixeiro viajante.

Os discursos persuasivos proferidos pelos caixeiros proporcionavam-lhes a efetivação de bons negócios, pois, diante das queixas dos clientes de movimento fraco nas vendas, contas vencidas, despesas com funcionários, impostos a pagar, entre outros, só restava ao simpático e insistente viajante usar de argumentos para convencer aquele cliente que a melhor saída diante da crise era renovar o seu estoque com novos produtos.

Por fim, “Argumentar é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro” (ABREU, 2002, p. 25).

#### 4 Considerações finais

Caríssimo(a) estudante,

É com imensa satisfação que espero, por meio deste “produto”, resultante da pesquisa que originou minha dissertação de mestrado, que eu tenha, de alguma maneira, contribuído com o seu conhecimento acerca da importância de entendermos o significado amplo atribuído à cultura e aos seus aspectos material e imaterial. Também, a importância do papel que a identidade desempenha em nossos relacionamentos diários, nos viabilizando uma melhor interação com os nossos semelhantes e a necessidade de zelarmos pelo nosso Patrimônio Cultural para que as gerações futuras não se percam ou se esvaziem.

Coube-me, aqui, tentar aliar o significado de cultura em seus aspectos material e imaterial ao cotidiano do ser comerciante na figura peculiar do caixeiro viajante – meu objeto de pesquisa –, sujeito histórico que contribuíra significativamente com o desenvolvimento econômico, político, cultural e social em diversas regiões do país, em especial, no município de Parnaíba, Piauí.

Foi oportuno ressaltar, inclusive, a arte de persuadir, algo inerente aos caixeiros viajantes como elemento constitutivo de sua cultura imaterial, a qual o auxiliava na concretização de seus negócios, dia após dia, junto aos seus clientes. Suas vestimentas e demais acessórios que engendraram o seu figurino e a variedade de produtos que os mesmos conduziam às mais variadas praças deste imenso Brasil, por assim dizer, a sua cultura material. Ambas as culturas (material e imaterial) estereotiparam-no como o condutor de “sonhos”, progresso e desenvolvimento às mais longínquas localidades, interligando dois universos antagônicos: capital e interior.

Para mim, foi um momento ímpar poder compartilhar estes conhecimentos adquiridos ao longo desta pesquisa científica. Com certeza, engrandece-me como ser humano e como profissional da Educação que, junto com vocês, estudantes do ensino fundamental, buscaremos sempre novas oportunidades que nos proporcionem a concretização de nossos objetivos, sempre com a perspectiva de dias melhores para todos nós.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: Gerenciando Razão e Emoção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BORG, James. **A arte da persuasão**. Coleção: vale mais que mil palavras. São Paulo: Saraiva, 2011, vol. 1.
- BUCO, Cristiane de Andrade. **Sítios arqueológicos brasileiros** | Santos,; Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2014.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.
- CUCHC, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **1959 – Patrimônio histórico e cultural** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HILL, Symon. **A Arte de Influenciar Pessoas**. Potencializa sua habilidade de relacionamento e liderança - São Paulo: Apalestra Editora, 2012.
- Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus. KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os rituais de tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990**. Curitiba: UFPR, 2000.
- LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ilda Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs.). **Análise do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, vol. 2.
- MÜHLEN, Caroline von. Os caixeiros viajantes como agentes formadores de redes sociais no Rio Grande do Sul. **Ágora**. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 01, p.124-133, jan./jun. 2018
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica** São Paulo: Marins Fontes, 2004.
- RIEGL, Alois. **1858-1905 O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SANTOS, Benjamim. **Livro do Centenário da ACP: Memórias de uma época, uma cidade, uma associação**. Parnaíba: Gráfica e editora Sieart, 2018.
- SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: brasiliense, 1986.
- XAVIER, Wesley Silva; BARROS, Amon Narciso de; CRUZ, Rafaela Costa; CARRIERI, Alexandre de Pádua. O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na

formação do lugar, do não lugar e do entre lugar. **Revista Administração**. São Paulo, v.47, n.1, p.38-50, jan./fev./mar. 2012.

